

O agronegócio é o seguinte

Globalização dita a agenda do agronegócio

NAS ÚLTIMAS edições, *Agroanalysis* dedicou especial atenção em analisar a importância da aplicação de medidas para a inovação na gestão do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). As decisões tomadas e inseridas no recente Plano Agrícola e Pecuário (PAP) para a Safra 2011/12, em particular com relação à simplificação e desburocratização do crédito rural, já fazem parte desse processo de evolução sem retorno.

As regulamentações nacionais são chamadas para também atender às demandas globais. As práticas produtivas a cada dia incorporam e possuem a sua disposição novos produtos e inovações mais amigas do ambiente. Sobras de materiais residuais e tóxicos no solo e nas plantas são motivos de rigorosas proscricções em muitos países. Trata-se de um mundo novo, que exige do governo, das empresas e das instituições a remodelagem de seus marcos regulatórios e sua forma de atuação.

A seção Abre Aspas busca trazer para debate os rumos para serem tomados pelo Mapa no tocante à avaliação da renda setorial, em termos da evolução da renda e do emprego, com análises na distribuição da renda ao longo das atividades que permeiam a cadeia produtiva. A questão passa pela mitigação da volatilidade na receita do agricultor com soluções na área de seguro e de operações de *hedge*, como no caso do mercado de opções. Da mesma forma, o cadastro positivo e o fundo garantidor são outros instrumentos para viabilizar a capitalização e a oferta de financiamentos rurais de prazos mais longos. Tudo isso faz sentido na perspectiva de crescimento do setor: para a safra 2011/12, a colheita está projetada em 161,5 milhões de toneladas, um novo recorde.

A revista *The Economist*, na sua edição de maio de 2011, faz uma afirmação interessante: a comparação entre as safras agrícolas já permite identificar efeitos das mudanças climáticas sobre a produtividade agrícola. Os resultados mostraram que trigo e milho tiveram suas produções reduzidas. Nos casos da soja e do arroz, não se encontrou um efeito em escala global. Segundo o estudo publicado na *Science*, as mudanças climáticas devem criar um aumento de até 5% nos preços das principais *commodities* alimentares. Isso representa mais de US\$ 50 bilhões de gastos extras anuais.

Ainda com relação a *The Economist*, bem oportuna é a sua análise sobre a aquisição de terras por estrangeiros. Este último fenômeno não é novo e já foi tratado aqui na *Agroanalysis* em julho de 2009 no artigo *Terceirizando a terra*. Bem interessantes são as conclusões inseridas no estudo do Banco Mundial, *Rising Global Interest in Farmland*, que avaliou mais de uma centena de contratos de aquisição de terras por estrangeiros em países pobres ou em desenvolvimento.

O Caderno da Aprosoja traz notícias inéditas do Circuito da Soja. Após colher sugestões, anotarem críticas, trocarem infor-

mações e estabelecerem diálogos, a percepção é de que a maior parte das necessidades dos produtores converge para temas já trabalhados pela Aprosoja de Mato Grosso. O maior problema identificado a ser superado consiste na aplicação da sustentabilidade em seus três vértices: econômico, social e ambiental.

Por fim, *Agroanalysis* traz uma matéria que visa ajudar os leitores a entenderem a grande discussão sobre regulação do sistema financeiro que está em curso. A regulamentação equilibrada daria mais segurança, com a agilidade necessária para o setor. ■

A última decisão do Copom de elevar a Selic para 12,50% sinaliza algumas coisas. Em primeiro lugar, até algum tempo atrás, os bancos apostavam para taxas superiores a 13% ao ano, até dezembro. Depois da decisão de julho, dificilmente a Selic terá novas alterações este ano. Este fato confirma que a condução da política monetária do Bacen realmente mudou no governo Dilma Rousseff. No tempo de Henrique Meirelles, como presidente do Bacen, a Selic seria maior. Temos, hoje, uma atitude mais preocupada com o nível de emprego e não somente em segurar a inflação a qualquer custo, sem medir os efeitos fiscais negativos dos aumentos da Selic.

Em segundo lugar, esta atitude leva a imaginar uma taxa de crescimento do PIB, este ano, ao redor de 4,5%. Temos uma autoridade monetária mais equilibrada, menos ortodoxa e que continua independente, operacionalmente, do Poder Executivo. Mas com mais responsabilidade macroeconômica, numa visão mais ampla. *Agroanalysis* estava correta em sua análise dos últimos meses quanto à condução da política monetária.

Passando para a crise internacional, seja do euro, ou do limite de endividamento norte-americano, *Agroanalysis* tem clara a percepção de que as autoridades com poderes mundiais têm claro que não se pode ter outro efeito Lehman Brothers. Portanto, seja nos EUA, seja na Europa, estamos perto de alguma solução. Nos dois casos, a demora fica por conta de quedas de braço em termos de quem paga a conta. Nos Estados Unidos, deverá haver um corte programado de gastos, mas sem uma redução grande e imediata que possa ameaçar a tímida recuperação da economia norte-americana.

Já na zona do euro, a solução já anunciada vai passar por alguma combinação, conforme apontado em nossa edição anterior, que combine alguma transferência dos países mais ricos com alguma perda dos bancos credores. A discussão está sendo arrastada, porque a briga está exatamente aí, na divisão da conta.

Tudo isso leva *Agroanalysis* a prever uma suavização do medo nos próximos meses, sem grandes riscos para o preço das *commodities*.